

Virgílio de Lemos: diálogos poéticos

Fábio Santana Pessanha

Mestrando em Poética – FL/UFRJ

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse de resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade – “Procura da poesia”

Neste artigo, estabeleceremos uma leitura poética acerca da obra do poeta moçambicano Virgílio de Lemos, tendo como referência para tal fim o livro *Negra Azul: retratos antigos de Lourenço Marques de um poeta barroco, 1944-1963*, além de poemas componentes de outros livros do mesmo.

O poeta em questão está densamente atrelado à história de Moçambique, como demonstra o livro supramencionado. Em tal obra, a antropomorfização lírica de Lourenço Marques (atual Maputo, capital de Moçambique) está desenhada na dissonância do canto e no assobio de suas curvas feminilizadas, como observamos em alguns dos poemas abaixo. Assim, seus escritos clamam pela corporeidade extrafísica, como vemos neste trecho de “Fim de tarde em L.M.”:

Quem viveu teu corpo
por dentro,
teus sentidos e paixões,
perde-se em ti,
nunca te esquece.

(Lemos: 1999a, p. 17)

Entendemos que a clausura de uma obra num dado contexto historiográfico equivaleria à mutilação de sua originalidade, principalmente quando nos atentamos ao que nos diz o pensador originário Heráclito de Éfeso, em seu fragmento 45: “Por mais que sigas os vestígios dos caminhos reais, nunca chegarás aos confins da realidade, tão profundo mora nela o *lógos*, isto é, a linguagem dinâmica de sempre novas e misteriosas realizações” (Leão: 2005, p. 117). Portanto, a realidade, queiramos ou não, está sempre se movendo e se reinaugurando. É preciso nos darmos conta da leitura poética como sendo a instauração de um movimento que pense o não-pensado enquanto o que se mantém encoberto no pensado (cf. Heidegger: 2007). Uma obra não se restringe a uma nomenclatura teórico-historiográfica, mas lhe perpassa insuflando dada estaticidade cronológica na ambiência poético-originante de sentidos.

Heteronímia

Em sua poeticidade, o autor de *Para fazer um mar* imerge numa escrita heteronímica bem peculiar. No entanto, propomos que cada um dos seus então heterônimos (Duarte Galvão, Lee-Li Yang e Bruno dos Reis) seja um poeta único, sendo também e, ao mesmo tempo, diálogos que se reúnem no próprio ortônimo. Com esta postura, imergimos na experimentação de uma liturgia sacro-orgiaca em que a obra de Virgílio de Lemos se presentifica poeticamente.

Baseando-nos nas palavras de Guimarães Rosa em entrevista dada a Günter Lorenz, aproximaremos o leitor do crítico, uma vez que ambos devem experienciar a leitura como diálogo, assim

um crítico que não tem o desejo nem a capacidade de completar junto com o autor um determinado livro, que não quer ser intérprete ou intermediário, que não pode ser, porque lhe faltam condições, deveria se abster da crítica (Lorenz: 1991, p. 75).

Mediante tal assertiva, propomos a coautoria do poeta virgiliano, na medida em que se instaure o mútuo debruçamento entre a obra e o leitor, já que estes são atravessados pela resplandecência da *poíesis*. Pois

a luz explode com a palavra exacta

que se liberta e foge e se aconchega
fascinada pela avidez de quem lê.
(Lemos: 1988, p. 80)

A leitura tem um quê de antropofágico, de maneira que na iminência da mesma, existe a fome incessante pelo não-saber. Quanto mais se pretende o conhecimento, menos dele se tem. O poeta não diz suas obras. Estas operam e, articuladas à história, inauguram um modo sempre novo de viver as realidades que atravessam o homem historicamente. Ou seja, “esse manifestar-se como presença/ ausência nas obras constitui mundo e o vir-a-ser do mundo é o que chamamos radicalmente História” (Castro: 1982, p. 110).

Apenas em diálogo com os poemas é que poderemos, de fato, nos deixar penetrar pelos versos em sua radicalidade. Sendo assim, a dupla interpelação obra-leitor não se manifesta como caminho unívoco, tendo em vista que ao percebermos a própria palavra diálogo em sua essência etimológica, temos “diá-” significando “entre” e “-logo” enquanto linguagem (*lógos*). Daí, podemos nos demorar em pensamento com os seguintes dizeres: “Dialogar é deixar o *lógos* se densificar no e pelo poetizar” (Castro: 2007a). Portanto, estamos imersos na linguagem enquanto doadora dos entre-lugares vigentes no diálogo que, por sua vez, é ao mesmo tempo vário por congregar a ambiguidade entre a fala e a não-fala, o silêncio e o não-silêncio, o velar e o desvelar.

Todo caminho é misterioso, tal qual uma fenda que se abre no desconhecido. Assim, no percurso de nossas andanças, a trilha outrora aberta se obscurece no passado irrevogável do acontecer. Caminhemos, portanto, em aliança com o operar de uma obra. Esta, nascida da cisão onto-poética de Virgílio de Lemos: transbordado pelo desafio da vida em sua consumação destinal.

Voltando nossa atenção a Duarte Galvão – o poeta (heterônimo) que assina os poemas em *Negra Azul* –, planaremos também para além do contexto de tal obra, a fim de dialogarmos com outros dizeres virgilianos.

Duarte Galvão e outras incursões

Entremeado de universo e morte, Duarte Galvão é o poeta da liminaridade. Sua biografia conta os feitos de militância política em Moçambique, país no qual e pelo qual Virgílio de Lemos viveu de forma bastante densa. Entretanto, o poetizar do primeiro

não se circunscreve apenas à ambiência política tão comentada por estudiosos ou ao contexto conflituoso pelo qual tal país passava (cf. Secco: 2001). Sua poética se resplandece na incandescência do porvir e do trânsito:

livre
passeio
prisioneiros versos e
náusea.

entre-invisíveis
muros
eu
e invisíveis
mortos.

(Lemos: 1999b, p. 128)

Seus versos abrigam a complexidade de um dizer sem limites, uma incursão originária num universo de vida-e-morte como fontes do traspassamento para além do metafísico. Um tipo de trânsito que não parte de um ponto inicial rumo a um lugar de chegada, mas que, em toda travessia, se manifesta como presença fundamental numa orgia poético-corporal. Já que “o fundamento manifesta-se como sendo presença. Seu presente consiste em produzir para a presença cada ente que se apresenta em seu modo particular” (Heidegger: 1973, p. 269). Se o princípio é aquilo que começa a cada instante, logo, todo momento é recheado de uma temporalidade em que permanece o ciclo incessante do que, simultaneamente, principia e finaliza. Isto é, o acontecimento da circularidade *arkhél télos*.

A “entridade” em Duarte Galvão é a abertura ao acontecimento vertiginoso do que se evidencia nas palavras e se oculta em seu silêncio. É neste movimento que o poeta em questão tanto enraíza sua moçambicanidade quanto desfaz qualquer vínculo territorial. Galvão não é só um poeta africano, mas inaugura um mundo a cada verbo corporificado na doação de sua vida à acontecência poética. O necessário a este entendimento está na leitura que não se prenuncia nos prefácios, que não se deixa levar por um historicismo previamente incorporado à obra poética.

O operar da poesia se diz por si e traz no seu agir a instauração de uma nova realidade. A obra é então um diálogo entre o seu dizer próprio e o devir das palavras mediante a travessia do humano, isto é, uma entre-leitura concretizada na convergência entre o mundo da obra e o do leitor. Então:

No declínio da vertigem, o diálogo
é mais a redescoberta do amor
que o nada dentro doutro nada.
(Lemos: 1988, p. 100)

Duarte Galvão, Lee-Li Yang, Bruno dos Reis e Virgílio de Lemos ortônimo são diálogos do poeta Virgílio de Lemos. Cada um na sua diferença identitária realiza o mistério do ser como doação do não-ser, ou seja, cada poeta citado opera originariamente na desmedida do acontecer poético, na aurora da *poíesis* quando esta “[...] é o sentido do agir enquanto sentido do ser, o pleno agir enquanto repouso em si, inerente ao operar da obra. *Poíesis*, enquanto essência do agir com sentido (linguagem), diz respeito a todo e qualquer criar” (Castro: 2007b, p. 156).

Num viés que aponta ao horizonte inalcançável do desdobramento do não-ser no ser, Virgílio de Lemos ruma de si a si mesmo em seu autodiálogo. Em outras palavras, sua poética vigora numa existência catabática, cujos poetas entendidos como heterônimos ensejam o percurso à complexidade do entre-ser.

Mas especificamente em relação aos heterônimos, podemos pensá-los como criações erráticas, tendo o cuidado de não incorrerem numa relação antagônica entre criador e criatura. Este criar nos direciona ao sentido de inaugurabilidade poético-ontológica e nos faz referência ao brotamento advindo da *phýsis*, isto é, da realidade plena em nascividade.

Por ser um brotar inaugural, jamais poderá se ligar à retórica. Assim, pensamos que poesia não é invenção artística, representativa do manejo linguístico de um indivíduo, de tal modo que não se restrinja ao burilar de formas na articulação com o conteúdo. Poesia vem de *poíesis* (*poiein*) e significa ação, o agir fundante do homem em sua humanização no percurso de pro-cura por sua origem (cf. Jardim: 2005). Esta origem não se dá como início epistemológico, mas como princípio inaugural, como travessia do não-ser ao ser na entificação da realidade como doação do real.

Cada heterônimo é um ponto de reunião e cisão do poeta, já que reúne no vazio a autenticidade de cada fala numa obra literária. Daí, o diálogo enquanto palavra nos norteia à linguagem como fonte de princípio e fim – *arkhé* e *télos* –, ou seja, como o movimento que nos leva à entridade do *lógos* em sua acepção grega: “A palavra *lógos* em grego se forma do verbo *legein*, que apresenta dois sentidos interligados e complementares: reunir e dizer” (Castro: 2007b, p. 150).

O *lógos* como princípio da linguagem nos encaminha a uma andança em que a realizamos “juntos”, pois é um dar-se cosmogônico na medida em que a origem heteronímica é conduzida à tensão urânico-telúrica entre cosmo e caos. As fagulhas dissipadas desta tensão se referenciam ao *gênos* poético-antropomórfico assumido no surgimento de cada poeta.

A criação que cinde também reúne. Se cisão, metafisicamente, significa corte que separa, aqui incorreremos por outra vereda. Cindir é um corte que unifica, que concretiza na cisão a reunião das diferenças. Como teatralização poética do real, os heterônimos fazem emergir o que possuem de diferença na identidade do nome, isto é, congregam na divergência a convergência da singularidade de cada um naquilo que são essencialmente.

Diferença, portanto, é aquilo que conduz à ambiguidade do vir a ser, ou seja, etimologicamente, *di-* nos diz o duplo, o percurso do entre-caminho; -ferença vem do verbo latino *fero* que significa conduzir (cf. HOUAISS, 2009). Mais ainda, o filósofo Martin Heidegger no diz que:

Por si, a diferença mantém em separado o meio em que e pelo qual mundo e coisa são sua unidade na relação com o outro. [...] Como meio, a diferença é mediadora para entregar mundo e coisa para os seus modos de ser, ou seja, para o seu ser em relação ao outro, em cuja unidade ela é o suporte (2003, p. 19).

Neste sentido, podemos entender o mundo e a coisa heideggerianos enquanto movimento contínuo de doação e singularização, isto é, referimo-nos a mundo enquanto quadratura de céu, terra, mortais e divinos; e coisa como doação de mundo, uma vez que a coisa traz em si a mundificação, a “organização” da realidade. A coisa se faz coisa no gestual de mundo, ou seja, uma relação de intimidade e delimitação naquilo que cada um é.

Pequenas reticências

Tentamos pensar a confluência dos dizeres virgilianos a partir uma reflexão poético-ontológica. Assim, longe de uma averiguação concisa da questão heteronímica, propomos o desvario pelas esquinas do pensamento poético, tendo em vista que:

Somos mais o impreciso que há em nós
ou o secreto, que o solto perfume.
(Lemos: 1988, p. 122).

Neste artigo, preferimos transitar junto com Virgílio de Lemos tanto por poemas seus quanto por dizeres de outros pensadores, tentando manter a obra virgiliana como intercâmbio entre leitura e escuta.

Enfim, Virgílio de Lemos em sua poética emerge o périplo pela errância de um poetar desmedido de nomes ou personalidades. É mulher, homem, êxtase e perdição nas dobras memoráveis do tempo.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. “Procura da poesia”. In _____ (org.). *Antologia poética*. 59ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- CASTRO, Manuel Antônio de. *O Acontecer Poético – A História Literária*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Antares, 1982.
- _____. “As questões da questão da arte”. *Travessia Poética*. 2007a, <<http://travessiapoetica.blogspot.com/2007/12/as-questes-da-questo-da-arte-6-12-07.html>>. Acesso: 04/06/2009.
- _____. “Grande Ser-Tao: diálogos amorosos”. In SECCHIN, A. C. (org.) et al. *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007b.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. “A linguagem”. In _____. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003. pp. 7-26.

- _____. “O fim da filosofia e a tarefa do pensamento”. In _____. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, pp. 263-79.
- HOUAISS, Instituto Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 3.0. Editora Objetiva Ltda, 2009. CD.
- JARDIM, Antonio. *Música: vigência do pensar poético*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. Aristóteles e as questões da arte. In: CASTRO, Manuel Antônio de (org.). *A arte em questão: as questões da arte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- LEMOS, Virgílio de. *Objet à trouver*. Paris: Éditions de La Différence, 1988.
- _____. *Negra Azul: retratos antigos de Lourenço Marques de um poeta barroco, 1944-1963*. Maputo: Instituto Camões – Centro Cultural Português, 1999a.
- _____. *Eroticus moçambicanus: breve antologia da poesia escrita em Moçambique (1944 / 1963)*. SECCO, Carmen L. T. R. (org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Faculdade de Letras, UFRJ, 1999b.
- LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, Guimarães. *Fortuna crítica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, pp. 62-97.
- SECCO, Carmen L. T. R. *O mar, a ilha, a língua: A vertigem da criação na poesia de Virgílio de Lemos*. In 6º Congresso da Associação Internacional dos Lusitanistas (AIL). Rio de Janeiro, 2001.